

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Tatiane Aparecida Damião From

EDUCAÇÃO EM MUSEUS E ENSINO DE ARTE: reflexões possíveis

Belo Horizonte

2020

Tatiane Aparecida Damião From

**EDUCAÇÃO EM MUSEUS E ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTE: reflexões
possíveis**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina dos Anjos

Belo Horizonte

2020

Ficha catalográfica
(Biblioteca Prof. Marcello de Vasconcellos Coelho - EBA- UFMG)

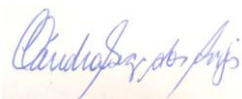
707 F931e 2020	<p>From, T. A. D., 1983- Educação em museus e ensino/aprendizagem de arte [recurso eletrônico] : reflexões possíveis / Tatiane Aparecida Damião From. – 2020. 1 recurso online (26 p. : il.)</p> <p>Orientadora: Cláudia Regina dos Anjos.</p> <p>Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós- graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Arte – Estudo e ensino. 2. Museus – Aspectos educacionais. 3. Arte e educação. I. Anjos, Cláudia Regina dos II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.</p>
----------------------	--

Nome: **TATIANE APARECIDA DAMIÃO FROM**

EDUCAÇÃO EM MUSEUS E ENSINO DE ARTE: reflexões possíveis

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**



Profa. Dra. Cláudia Regina dos Anjos – Orientadora - CEEAV/ EBA/ UFMG



Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel – Membro da Banca Examinadora/CEEAV/ EBA/ UFMG



Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG-Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de junho de 2020.

RESUMO

A presente monografia apresenta uma reflexão sobre as ações educativas em museus e sua relação com o ensino/aprendizagem de Arte. Traz uma proposta artístico-pedagógica a partir de visitas ao Museu Histórico Abílio Barreto, sob a perspectiva de a Abordagem Triangular. Foram escolhidos textos norteadores que apresentam conceitos para a compreensão do tema, partindo da reflexão sobre algumas possibilidades de práticas pedagógicas em museus, que se inter-relacionam às práticas utilizadas nos processos de ensino-aprendizagem de Arte.

Palavras-chave: Educação em museus. Educação não-formal. Arte/Educação.

ABSTRACT

This monograph presents a reflection on educational actions in museums and their relationship with the teaching/learning Art. It brings an artistic-pedagogical proposal from visits to the Historical Museum Abílio Barreto, under the perspective of Triangular Approach. Guiding texts were chosen that present concepts for the understanding the theme from the reflection on some possibilities of pedagogical practices in museums, which are interrelated to the practices in the teaching-learning processes of Art.

Keywords: Education in museums. Non-formal education. Art/Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
EDUCAÇÃO EM MUSEUS.....	08
Educação e prática educativas em museus.....	11
Educar no uso de fragmentos.....	12
Educação dos sentidos.....	13
Ensino-Aprendizagem de Arte em museus.....	15
Abordagem Triangular no Ensino de Arte na relação museu e escola.....	15
AÇÃO EDUCATIVA EM MUSEUS	16
Museu Histórico Abílio Barreto: breve histórico	17
Ação educativa no Museu Histórico Abílio Barreto.....	23
CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

A visitação a museus, centros culturais e exposições é uma prática realizada por professores de todas as etapas da vida escolar. Porém, é importante saber como essas experiências acontecem e se, de fato, são significativas no processo educativo, principalmente no que faz interface com as práticas de ensino/aprendizagem de Arte.

Para que essas visitas contribuam significativamente na vida escolar dos alunos, é necessário que haja uma relação harmônica entre os trabalhos desenvolvidos pelos setores educativos dos museus e os desenvolvidos pelas práticas desenvolvidas pelos professores de Arte.

Frente a essa discussão, o presente trabalho apresenta uma reflexão sobre o assunto e uma proposta pedagógica a partir do desdobramento da prática de visitas escolares em museus.

Os museus e as escolas, em conjunto, podem cumprir seu papel no processo educativo dos sujeitos. De acordo com as leituras realizadas para execução desse trabalho, foi possível concluir que os museus da atualidade se configuram como espaços de diálogo, difusão, educação e cultura, e, por isso, a prática de visitas escolares se torna a cada dia mais necessária (e interessante) para a construção do conhecimento e do senso crítico dos alunos.

A bibliografia sobre o assunto é extensa e, para o desenvolvimento desta monografia, foram escolhidos textos norteadores que apresentam conceitos fundamentais para a compreensão do tema a partir da reflexão sobre algumas possibilidades de práticas pedagógicas em museus, que se inter-relacionam às práticas utilizadas nos processos de ensino-aprendizagem de Arte.

Com vistas a contemplar o assunto, esta monografia apresenta reflexões sobre Educação em Museus, Educação e práticas educativas em museus, Ensino-aprendizagem de Arte em inter-relação com as práticas educativas em museus e a Abordagem Triangular como base para uma proposta teórico-metodológica para o

desenvolvimento dessa inter-relação. Apresenta, ainda, o Museu Histórico Abílio Barreto - MAHB e suas práticas educativas amparadas nas premissas e fundamentos da Educação em Museus. A escolha dessa instituição para a realização deste trabalho se deu em função de que desenvolvi trabalhos anteriores a este, em monografias de conclusão de curso nos anos de 2012 e 2013, em que várias experiências e vivências ajudaram a construir um olhar multidisciplinar sobre os museus. Diversas questões observadas e anotadas relacionadas à Educação em Museus não foram, anteriormente, oportunamente tratadas nesses trabalhos, o que faço agora.

EDUCAÇÃO EM MUSEUS

Educação em museus é o conjunto de ações educativas organizadas, sistematizadas e promovidas por instituições-museu que, normalmente, são realizadas em suas dependências (Plano Nacional de Educação em Museus - PNEM, 2018). Essas ações são definidas a partir da vontade e das necessidades das instituições envolvidas e dos visitantes atendidos. De acordo com Marandino (2008), esse tipo de ação pertence ao sistema de educação não formal, e caracteriza-se como:

Atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes¹ previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem. (MARANDINO, 2008, p.13)

Para que seja possível compreender a importância dos museus na contemporaneidade e seu papel educativo, será feita uma breve abordagem a respeito da evolução de seu papel e suas funções. Esse trabalho não tem como

¹ O termo “clientes” utilizado nessa citação, refere-se a uma definição específica utilizada em um documento da UNESCO, de 1972, “Learning to be – The Faure Report”, que firmou metas quanto à “educação ao longo da vida” (lifelong education) e à “sociedade de aprendizagem” (learning society). Esse documento influenciou a divisão do sistema educacional em três categorias: educação formal, educação não-formal e educação informal descritas por Combs, Prosser e Ahmed, em 1973 (apud SMITH, 1996). Porém, nesse trabalho, por se tratar de uma proposta reflexiva a que parte do viés educacional pelo campo dos sentidos, será utilizado o termo “público” para tratar dos frequentadores desses espaços.

intenção enfatizar a perspectiva histórica a cerca da percepção dos museus, mas pretende ressaltar o desenvolvimento das práticas e abordagens educativas desses espaços.

A percepção de museus como espaços de potencial educativo é recente. Inicialmente, essas instituições não tinham a preocupação de planejar ações específicas voltadas para a educação, uma vez que suas funções educativas estavam geralmente relacionadas às funções sociais de guarda e exposição da memória, com uma dimensão educativa fortemente ligada às teorias educativas adotadas ao longo do tempo. Marandino (2008) destaca que a função educativa dos museus está dividida em três etapas, de acordo com suas formas de ação e acesso ao público.

Na Europa, por volta do século XVII, ocorreu uma primeira etapa desse desenvolvimento da função educativa dos museus, quando os espaços abrigavam diversas coleções, havia um acesso restrito aos públicos de estudantes e pesquisadores, e sua forma de instrução se dava por meio da observação dos objetos. Os “gabinetes de curiosidades”, como eram conhecidos, apresentavam suas coleções de forma desorganizada e sem critérios científicos delimitados.

Muitas dessas coleções formadas nesse período se transformaram posteriormente em museus. Segundo Letícia Julião (2006), houve um refinamento dessas coleções, para acompanhar o progresso científico da época.

[...] com o tempo, tais coleções se especializaram. Passaram a ser organizadas a partir de critérios que obedeciam a uma ordem atribuída à natureza, acompanhando os progressos das concepções científicas nos séculos XVII e XVIII. Abandonaram, assim, a função exclusiva de saciar a mera curiosidade, voltando-se para a pesquisa e a ciência pragmática e utilitária. (JULIÃO, 2006, p.20)

A segunda etapa desse desenvolvimento educativo dos museus se processa ao final do século XVIII, quando ocorreu uma progressiva organização dessas coleções e

um progressivo acesso de pessoas de diversas classes sociais, que passaram frequentar esses espaços. Segundo Marandino (2008), esse processo ocorreu

como parte de um projeto de nação, em um esforço de modernização da sociedade, que em fins do século XVIII, o museu passou a ser considerado como um lugar do saber e da invenção artística, de progresso do conhecimento e das artes, onde o público poderia formar seu gosto por meio da admiração das exposições.(p. 8)

Nesse contexto, surgem os setores educativos, cuja função principal pode ser descrita como guiar as visitas nos espaços, contribuir na manutenção dos estudos transmitidos pelas escolas, focados na tendência de pedagogia tradicional², vigente à época. É importante destacar que, segundo Marandino (2008), mesmo que de forma muito discreta, essa conduta caracteriza-se como uma primeira tentativa de diálogo do espaço e das coleções com os visitantes.

A terceira etapa desse processo de desenvolvimento das funções educativa dos museus acontece no século XX, quando ocorre uma maior diversificação de públicos que passam a frequentar os museus. Um fato muito marcante e fundamental para o desenvolvimento da educação em museus nesse contexto foi o surgimento do ICOM – *International Council of Museums*, primeira instituição internacional especificamente voltada aos profissionais de Museus. Com o surgimento do ICOM, ocorre uma ampliação da ideia sobre o que eram os museus e seus campos de atuação e discussão. Segundo Marandino (2008), essa ampliação de ideias leva à busca por novos métodos e estratégias para alcançar novos públicos e leva a uma das maiores mudanças no papel atuante dos museus da época: o crescente de seu papel educacional.

A segunda metade do século XX foi marcada pela presença de fenômenos científicos, desenvolvimento tecnológico e presença da interatividade no cotidiano. Com isso, surge uma iminente necessidade de estratégias que visem facilitar a

² Pedagogia tradicional pode ser definida como uma prática educativa voltada à formação intelectual e moral dos estudantes, onde a escola é considerada como o ambiente oficial de transmissão de conhecimento, Segundo o verbete criado pelo filósofo e pedagogo brasileiro Dermeval Saviani para o glossário do sítio da Unicamp disponível nas referências bibliográficas, a introdução da denominação “Concepção Pedagógica Tradicional ou Pedagogia Tradicional foi introduzida no final do século XIX com o advento do movimento renovador que, para marcar a novidade das propostas que começaram a ser veiculadas, classificaram como ‘tradicional’ a concepção até então dominante”.

comunicação do público com as exposições. O foco dos museus passa a se centrar no sujeito e em seu cultural e intelectual. (MARANDINO, 2008)

A partir desse momento, os museus passam a ser reconhecidos formalmente como instituições de caráter educativo. Essa transição marca o início dos atendimentos específicos a partir de suas definições de objetivos pedagógicos.

Durante esse período foram promovidas reformulações nos espaços físicos, expositivos, adoção de critérios e procedimentos adequados de conservação e segurança dos acervos, e principalmente, foram implantados serviços educativos baseados no princípio de participação dos sujeitos na construção de relações culturais.

Educação e prática educativas em museus

Na contemporaneidade, os paradigmas museais estão ancorados em diálogos permanentes com a sociedade. As funções da instituição deixaram de estar centradas em suas coleções e acervos, e deslocaram-se para as práticas sociais. Os museus contemporâneos, assim como a escola e outros espaços de educação não formal, pretendem formar cidadãos autônomos, conscientes de si e do mundo que habitam. A preocupação em tornar as exposições mais acessíveis à sociedade é enfatizada de maneira que esses visitantes as compreendam e as tornem mais significativas.

Valores de intercâmbio de conteúdos e experiências diretas de interdisciplinaridade também são temas recorrentes quando tratamos de educação em museus. Segundo Hermeto e Oliveira (2009),

como nunca antes na história do museu, em função da busca do estreitamento das relações entre as instituições e a comunidade, o seu papel educativo se torna uma questão nuclear para o planejamento das práticas museológicas. (HERMETO; OLIVEIRA, 2009, p.92)

Por conta das transformações da sociedade, também os conceitos e práticas educativas vêm mudando muito. O crescimento de diversos movimentos sociais impulsionou as discussões e debates sobre a formação dos sujeitos sociais têm abordado questões sobre a cidadania (HERMETO; OLIVEIRA, 2009). Assim, as funções da educação, não apenas no espaço escola, mas nos diferentes espaços educativos, têm sido relacionadas à preocupação com a formação para o exercício da cidadania e para o acesso do conhecimento em cultura e arte.

Os museus são ambientes culturais e educativos que pretendem educar por meio da sensibilização e do conhecimento, e cultivam a relação educadora e produção de significados a partir de seus objetos, exposições e proposta educativa, entre outras. Nesse sentido, a relação educadora entre os sujeitos e os museus é uma das finalidades e função da ação educativa.

Quando tratamos da educação em museus, falamos em seu sentido dialógico e reflexivo, concebida como processo de mediação entre os atores (educadores e educandos), pois as comunicações que eles realizam buscam possibilitar a construção de uma relação formativa e humanizadora. As relações educativas em museus ocorrem de maneira dialógica à medida que cada sujeito assume seu papel ativo e autor dos processos experienciados. (PEREIRA, 2007)

O texto de Marandino (2008) trata, sobre duas possibilidades de práticas educativas muito presentes nas rotinas de museus. A primeira trata-se da estratégia de educação no uso de fragmentos, e a segunda trata-se da educação dos sentidos. Essas as práticas foram adotadas pelo fato de que o museu escolhido para este trabalho, o Museu Histórico Abílio Barreto, adotar ambas estratégias como prática em suas atividades educativas.

Educar no uso de fragmentos

Os museus são lugares de objetos tangíveis. Os objetos aos quais atribuímos valores são, antes de tudo, impregnados de tempo e valor simbólico, por isso, podem nos auxiliar a mediar o olhar sobre um determinado tema. Nessa perspectiva,

eles possuem um valor identitário e indicam a possível reinterpretação de nosso tempo, lugar e valores.

Segundo Pereira (2007), na educação por fragmentos

o museu busca incitar em seu público a descoberta e ressignificação de sua materialidade: o traçado de sua interpretação sobre o passado, seus gestos de interpretação, as formas de expor e as proposições temáticas (PEREIRA, 2007, p.74)

Assim, os fragmentos possibilitam o acesso a múltiplas interpretações, o que desafia os limites de seus acervos e suas diferentes formas de uso como o incentivo à preservação do patrimônio, expansão do universo cultural de seus visitantes, conhecimento sobre o passado, ressignificação da experiência, valorização dos bens culturais etc.

É possível também dizer que os museus são ambientes relacionais, onde o contato com seu público cria formas de compreender, olhar e sentir as potencialidades de sensações geradas por ser espaço, acervo e diversos atores envolvidos.

Educação dos sentidos: olhar e ver

A percepção humana ao meio externo é compreendida por cinco sentidos: tato, audição, olfato, paladar e visão. Cada um desses sentidos é adaptado para responder um tipo de estímulo, e dessa maneira é possível interagir com o mundo, e também com a arte.

Olhar e ver são instâncias distintas de um mesmo sentido. Primeiro, começamos olhando, para depois chegarmos ao ato de ver. O ato de ver nos coloca no papel de seres atuantes, fruidores, leitores reflexivos das imagens, em detrimento de simples observadores do que se passa. Para Silvio Zamboni (1998),

o ver não diz respeito somente à questão física de um objeto a ser focalizado pelo olho, o ver, em sentido mais amplo requer um grau de profundidade muito maior, porque o indivíduo tem, antes de tudo, de perceber o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado. (p.54)

Nesse sentido, as escolas e os museus não se ocupam de como ler, mas sim em atribuir sentidos construídos pelas experiências e vivências nesse espaço educativo pelo que passam e perpassam os sujeitos. O que se busca é muito mais compreender os processos a partir da percepção do que indicar as pessoas a realizarem uma simples leitura.

Segundo Abigail Housen (1983), há cinco princípios da compreensão estética: narrativo, construtivo, classificatório, interpretativo e recreativo. Esses princípios foram propostos a partir de sua pesquisa realizada no Museu de Belas Artes de Boston, na década de 1980. Segundo ela, haveria uma sequência nessa forma de compreensão típica de interações de públicos de museus de arte.

As fases da compreensão estética, segundo Housen (1983), correspondem de um modo geral, aos modos de “ver”, e estes relacionados com o quanto se foi exposto aos objetos e obras. A autora propõe, com os estágios de apreciação estética, um aprendizado dinâmico e construtivo, em que os visitantes são convidados a perceber, observar, analisar e interpretar, passando pelos níveis do desenvolvimento estético, associando o que se vê as suas lembranças pessoais.

As escolas e os museus podem se aproximar, ao incluir a educação dos sentidos entre suas finalidades educativas. A percepção dos objetos, dos espaços, assim como das diferentes produções, expressões e referências que constituem suas dimensões, dependem não só do desenvolvimento das capacidades cognitivas, como também da capacidade perceptiva por meio dos nossos sentidos. Os objetos, assim como sua musealização, possuem várias “cascas simbólicas”, que exigem para sua percepção a realização de exercícios de atentas vivências nas perspectivas intelectuais e sensoriais.

Tanto a escola quanto o museu ao estimularem o aprofundamento da percepção sensível aos sentidos visual, auditivo, olfativo, tátil e gustativo, potencializam a leitura de seu espaço e acervo. A capacidade de perceber-nos diferentes objetos, as formas, as texturas, os movimentos, as nuances de composição e os sons que

esses objetos podem emitir fazem parte do processo de descoberta, da criação e dos significados, sendo essencial para sua análise, interpretação e fruição.

Ensino-Aprendizagem de Arte em museus

O processo de ensino-aprendizagem de Arte nos espaços museais não se limita a conteúdos regulados e normatizados por parâmetros e leis, e que se ocupam de trazer a experiência e vivência pessoal de cada indivíduo participante. Suas abordagens não são rígidas, podendo ser alteradas, modeladas e modificadas de acordo com o processo de ensino/aprendizagem. Segundo Ana Mae Barbosa (2010):

A arte como linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem, tal como a discursiva, ou a científica. Dentre as artes, as visuais tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, de onde estamos e de como sentimos (p.99)

A Arte/Educação é um processo de mediação entre os sujeitos, e um dos seus papéis é contribuir com o desenvolvimento cultural dos indivíduos, por meio de seus conhecimentos em arte.

O processo ensino-aprendizagem de arte em museus tem um papel fundamental ao possibilitar desenvolver a percepção e a imaginação, à medida que permite ao sujeito a expressão pessoal, que é um importante instrumento para a identificação cultural e desenvolvimento individual.

A Abordagem Triangular no Ensino de Arte na relação museu e escola

A Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, demanda que a construção do conhecimento acontece quando há o intercruzamento entre experimentação, codificação e informação (RIZZI, 2012).

Para Rizzi (2012), ao relacionar os três componentes básicos e suas peculiaridades, a proposta considera a arte como conhecimento e expressão, podendo ser

desenvolvida a partir da conexão adequada, orgânica e significativa dos domínios de conhecimento. Os caminhos que determinam o processo de ensino-aprendizagem desse percurso teórico-metodológico se baseiam a partir de três ações básicas que são desempenhadas quando nos relacionamos com arte. São elas:

1. **Ler obras de Arte:** ação que, para ser realizada, inclui necessariamente as áreas de Crítica e de Estética. A leitura de obra de arte envolve o questionamento, a busca, a descoberta e o despertar da capacidade crítica. As interpretações advindas desse processo de leitura, relacionando sujeito/obra/contexto, não são passíveis de redução certo/errado.

2. **Fazer Arte:** ação do domínio da prática artística (elaboração do trabalho).

3. **Contextualizar:** ao contextualizar estamos operando no domínio da História da Arte e outras áreas de conhecimento necessárias para determinado processo de ensino/ensino/aprendizagem. Estabelecem-se relações interdisciplinares no processo ensino-aprendizagem.

AÇÃO EDUCATIVA EM MUSEUS

Considerando as ações educativas em museus, tomamos como objeto de estudo as ações educativas desenvolvidas pelo Museu Histórico Abílio Barreto, dada sua importância no contexto cultural e social da cidade de Belo Horizonte.

A justificativa pela escolha do Museu Histórico Abílio Barreto se dá em razão de que essa instituição se caracteriza como o primeiro museu público municipal da cidade de Belo Horizonte, que visa preservar a memória da cidade e por receber um grande volume expressivo de visitas provenientes de diversos grupos escolares, de diferentes regiões e distintas faixas etárias.

O Museu Histórico Abílio Barreto foi objeto de desenvolvimento dos textos de monografia para conclusão de graduação em Artes Visuais pela UEMG, em 2012, e também para o Trabalho de Conclusão de Curso da graduação (TCC) em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis pela UFMG, em 2013. Por conta disso, ao longo de minha trajetória estudantil, acabei desenvolvendo uma relação afetiva com essa instituição, em função de várias experiências e vivências que me ajudaram a construir um olhar multidisciplinar sobre os museus.

O texto deste trabalho está relacionado a dados disponíveis até o ano de 2014. A partir desse período, o setor educativo passou a ser reformulado.

Museu Histórico Abílio Barreto: breve histórico

O Museu Histórico Abílio Barreto – MHAB – constituiu-se atualmente como uma unidade da Fundação Municipal de Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte. Foi criado por meio do Decreto Municipal 91, de 26 de maio de 1941, e ocupa o Casarão Oitocentista da antiga Fazenda do Leitão, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, registrado no livro Histórico (Inscrição n.282, de 29 de março de 1951). A respeito de seu surgimento, Pimentel (2004) sinaliza que

seu surgimento está articulado com o projeto de expansão e modernização da cidade, concebido por Juscelino Kubitschek, e sob o regime de Estado Novo, que investiu diversos recursos em museus de caráter nacional, bem como, em museus regionais. (PIMENTEL, 2004, p.38)

FIGURA 01 – Foto do casarão, sede da antiga Fazenda do Leitão, em 1946.



Fonte: Site do Arquivo Público de Minas Gerais. Disponível em: <<http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2013/05/04/>>

Sua origem data de 1935, quando o historiador Abílio Barreto foi convidado para organizar o Arquivo Geral da Prefeitura. Sua inauguração efetiva foi em 18 de fevereiro de 1943, com o nome de *Museu Histórico de Belo Horizonte – MHBH*, pelo então prefeito Juscelino Kubitschek de Oliveira. Em 1967, recebeu a denominação atual, em homenagem a seu idealizador e primeiro diretor. (PIMENTEL, 2004)

Está situado na Avenida Prudente de Moraes, número 202, Bairro Cidade Jardim, em Belo Horizonte – MG. Sua localização aponta questões em relação ao sítio urbano que abrigava na época de sua criação: seu entorno integrava, no fim do século XIX uma colônia agrícola, com paisagem de características rurais, cortada por caminhos de terra e era banhado pelo córrego do Leitão. A partir da década de 1950, o terreno do museu recebe um tratamento paisagístico para modificar sua aparência estética, visando dar ares de modernidade e organização do espaço da cidade de Belo Horizonte.

FIGURA 04 – Foto atual do casarão, sede do Museu Histórico Abílio Barreto



Fonte: Tatiane A. D. From. Acervo pessoal da autora.

A outra edificação é um prédio contemporâneo - inaugurado em 1998 - projetado pelo arquiteto Álvaro Hardy. Abriga atualmente o auditório, a biblioteca, a reserva técnica, o laboratório de preservação, a cafeteria, banheiros e uma pequena loja. Fazendo uma ligação entre os dois espaços que compõem o museu, há um jardim com várias árvores centenárias, um exemplar de Maria Fumaça e um antigo bonde, que circulou pela cidade até o início da década de 1960. (PIMENTEL, 2004)

FIGURA 05 - Foto da fachada do novo prédio sede do Museu Histórico Abílio Barreto.



Fonte: Tatiane A. D. From. Acervo pessoal da autora.

Abordar a cidade, em especial um território mutante como Belo Horizonte, seus signos, suas memórias, o valor e as dinâmicas que a constituem, não é tarefa fácil. Entretanto, o museu é uma instituição-memória, assim como são os arquivos, as bibliotecas e outros espaços, e, por maior que sejam as dificuldades, não podemos nos furtar a compor e recompor as memórias que se tornaram a história dessa cidade e de seus indivíduos. (PIMENTEL, 2004)

Ao longo dos seus primeiros cinquenta anos de existência, esse espaço cultural buscou consagrar a identidade de Belo Horizonte por meio de sua projeção de lugar: o espaço que ocupa na malha urbana. De acordo com sua proposta museológica, seu objetivo principal é mostrar aos visitantes o lugar onde a cidade de Belo Horizonte nasceu sendo seu projeto o de modernização nacional como uma cidade planejada e dinâmica. (PIMENTEL, 2004)

A partir de 1993, foi iniciado um amplo processo de revitalização institucional, direcionando suas ações para a pesquisa, informação, educação e lazer, considerando essa identidade inovadora original. Desde 2003, o MHAB conta com os trabalhos da Comissão Permanente de Política de Acervo, instância de deliberação interna que atua no sentido de traçar a política de acervo da instituição. (PIMENTEL, 2004)

O museu possui um acervo amplo e diversificado, composto por documentos textuais, iconográficos, bidimensionais e tridimensionais referentes às origens, formação e desenvolvimento de Belo Horizonte, adquiridos ao longo de sua formação. Exposições de curta, média e longa duração exibem esse rico acervo ao longo do ano.

A gênese do acervo o Museu Histórico de Belo Horizonte antecedeu à própria instalação da instituição, com o recolhimento de peças consideradas “preciosidades históricas e artísticas” da capital ou do arraial de Belo Horizonte, por meio da ação quase pessoal de Abílio Barreto. Seu espírito aguçado de colecionador foi despertado quando, convidado a organizar o Arquivo Geral da Prefeitura, em 1935, lá encontrou algumas peças antigas, guardadas oficialmente por medida de salvaguarda. (PIMENTEL, 2004)

O historiador Abílio Barreto passou a recolher objetos e documentos remanescentes do arraial de Belo Horizonte, antigo Curral Del Rei, e também da nova capital – plantas, mapas, fotografias, quadros, esculturas, mobiliário e objetos utilitários de naturezas diversas. A maior parte desse acervo adveio da comissão construtora da nova capital, encarregada de planejar e gerenciar a construção da cidade. Sua expectativa era “conservar relíquias da história da cidade” (CANDIDO, 2003, p.9).

Inicialmente, esse acervo estava reservado em duas grandes seções: a primeira reunia peças do antigo arraial, até a data de inauguração da nova capital, em 12 de dezembro de 1897, incluídos os objetos procedentes da Comissão Construtora; e a segunda, agregando peças relativas à cidade de Belo Horizonte. Este, portanto, constituía o acervo nuclear do Museu, instalando inicialmente, numa sala anexa ao

Arquivo. Após a inauguração, o acervo foi transferido para o prédio sede do museu. O historiador Abílio Barreto também recolheu alguns objetos relacionados à história de Minas Gerais e do país. Em 1941 passou a receber doações do público em geral, além de transferências de objetos da prefeitura e de outras instâncias públicas. (PIMENTEL, 2004)

De acordo com o *site* oficial da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, o Museu Histórico Abílio Barreto

dedica-se à história, à pesquisa, à produção e à difusão do conhecimento sobre Belo Horizonte. Contribui também para fortalecer os laços de pertencimento identitário e estabelecer diálogo permanente para a construção coletiva das memórias locais.³

Segundo documentação arquivística, existente no MHAB, as primeiras ações para a adoção de uma política de acervo sistemática ocorreram em 1993, e culminaram numa ação denominada “Projeto de inventário do Acervo do MHAB”, objetivando formalizar uma base de informações sobre seu acervo. Em 2002, o Inventário do Acervo de Objetos do MHAB registrava a existência de aproximadamente 1000 peças, incluindo o casarão oitocentista, numerosa pinacoteca, diversos objetos tridimensionais e documentais.

Ação educativa no Museu Histórico Abílio Barreto

O setor Educativo do Museu, até o início de 2013, ocupou uma pequena sala no andar térreo do casarão. Desde 2018, o setor educativo passa por reformulações estruturais, visando ampliar suas práticas educativas, englobando outros campos de conhecimento de caráter multidisciplinar.

Seu programa educativo visa desenvolver atividades direcionadas aos mais diversos públicos como escolas, professores, universitários, terceira idade e público

³ Informação disponível na página oficial do museu, mantida pela Prefeitura de Belo Horizonte. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/museus/mhab>

espontâneo. Estima-se que a média de visitantes provenientes de escolas é de 10.000 alunos por ano⁴, sendo que o atendimento é feito de fevereiro a dezembro, sendo interrompido, apenas, durante as férias escolares. As ações do programa educativo do MhAB se articulam como projetos voltados para diferentes frentes de ação:

- a) o atendimento ao público escolar e universitário – “Descobrimo o Museu” e “Visitas técnicas”;
- b) a formação de agentes multiplicadores – agentes culturais e professores “Encontro com o Museu”;
- c) Divulgação – “Projeto Onde mora minha história?”;
- d) formação do quadro educadores do museu – grupos de estudo.

Sua proposta educativa está amparada em um programa de educação patrimonial de fundamentação dialógica, na qual reúne ações educativas relacionadas à proteção de bens culturais e a valorização de acervos sobre a história local e a memória social de Belo Horizonte. Baseado em uma cultura material em que o acervo é a principal fonte de informações, de acordo com sua proposta educativa, o Museu Histórico Abílio Barreto pretende fazer com que seus visitantes explorem a cidade como um organismo vivo e dinâmico.

Se a finalidade das ações educativas no Museu foi amparada no desenvolvimento de uma consciência sobre o patrimônio cultural da cidade, a forma como esse processo educativo ocorreu se projetou nas diferentes abordagens adotadas por ele para desenvolver o seu programa educativo.

O atendimento às visitas funcionava por agendamento, e acontecia de terça-feira a sexta-feira, das 8h00 as 12h00 pela manhã, e de 13h00 as 17h00 pela tarde. As visitas tinham duração média de duas horas e meia, com a capacidade de receber uma média de 60 alunos por turno, que eram divididos em grupos de 15 a 20 pessoas.

⁴ Estimativa informada em visita técnica ao setor educativo do MhAB. Tal informação foi baseada em relatórios internos de estatísticas anuais de público. Porém, não foi concedido o acesso a tal documentação, pelo fato de o setor educativo estar em fase de reformulação na época da visita.

Às quartas-feiras e quintas-feiras, o Museu também oferecia atendimento noturno, voltado para alunos da Educação Superior e alunos inscritos na EJA – Educação de Jovens e Adultos. Segundo o setor educativo a época, esse tipo de atendimento específico visava dar oportunidade aos diversos sujeitos, tornando possível que cada grupo possa receber um atendimento adequado, tendo em vista que a maior parte dos estudantes dessa modalidade escolar trabalhava durante o dia.

O setor educativo dividia seu projeto em três eixos de atendimentos específicos: atendimento a vistas escolares (Descobrimo o Museu), programa de formação de educadores (Encontro com o Museu) e Visitas técnicas⁵.

No programa “Descobrimo o museu”, a dinâmica das visitas escolares, baseava-se em propostas variadas que englobam a observação do espaço, dos objetos expostos, análise de mapas e fotografias etc., sempre com o foco na interpretação do acervo.

O programa de formação de educadores, “Encontro com o Museu”, tinha o objetivo preparar estudantes, professores e educadores para visitar o museu. Tratava-se de uma atividade constante, voltada para universitários que consistia em um encontro de uma manhã, uma tarde ou uma noite, em que eram apresentadas a história do museu, suas atividades e propostas.

O programa de “Visitas técnicas” estava direcionado a universitários, agentes culturais e profissionais de instituições afins interessados em conhecer os bastidores do museu. O programa apresentava a metodologia adotada no tratamento e processamento do acervo, discorria sobre as atividades educativas e de difusão cultural desenvolvidas pelo MhAB e realizava uma visita comentada às instalações do prédio e às suas exposições. (PIMENTEL, 2004)

A intensificação das ações e o aprofundamento do diálogo com as escolas levaram a equipe do MhAB a desenvolver, a partir de 2005, o projeto “Onde Mora a Minha

⁵ Os programas e Projetos Pedagógicos dos referidos programas não foram disponibilizados em função da reformulação e reestruturação atual do Setor educativo do MhAB. Tais informações foram obtidas na visita realizada em 2013.

História?”, que tratou, em linhas gerais, da realização de uma pesquisa sobre o bairro onde as escolas estão inseridas envolvendo estudantes, professores e técnicos do museu no levantamento de fontes diversas sobre a história do bairro. O resultado da pesquisa e a identificação do acervo sobre o bairro resultaram em exposições no espaço da escola e do museu, e na produção de um caderno de atividades sobre a história de cada um dos bairros. (PEREIRA, 2007)

Por parte de seu corpo técnico, existia uma grande preocupação em manter um diálogo afinado às práticas educativas contemporâneas. Para que houvesse uma constante ampliação do repertório discursivo sobre o acervo, e sobre as práticas educativas adotadas, foram realizados grupos de estudos entre os mediadores, monitores e coordenadores do setor educativo. Dessa forma, acredita-se que se torna possível a prática reflexiva das visitas. (PEREIRA, 2007)

A preocupação com a diversificação de atividades e estratégias que atendessem ao universo específico para cada um dos desses públicos, a atenção com a formação e qualificação da equipe, a contribuição com a formação de agentes multiplicadores (professores e graduandos), e a ação do museu para além dos seus muros são aspectos que conferem uma maturidade do MHAB e destacam o seu característico papel educativo, em detrimento do papel de mero apêndice da escola.

CONCLUSÃO

O presente trabalho apresentou algumas das práticas educativas adotadas pelo Museu Histórico Abílio Barreto (num recorte temporal específico) e algumas possíveis relações de suas ações com Arte/Educação a partir da experiência possibilitada por ações elaboradas a partir da Educação em Museus. Tais práticas têm como objetivo a valorização, a construção do conhecimento, e reflexão à cerca do espaço visitado, de seu acervo, e principalmente, da experiência vivenciada ao visitar um museu.

A prática de visitas em museus é muito utilizada por escolas, em todas as etapas da escolarização por conta de seu potencial educativo e relacional. Pensar a Arte/Educação por meio da experiência faz referência à educação dos sentidos e a

compreensão estética, no que se refere a atribuição de sentidos construídos pelas vivências em Museu. Nesse sentido, as ações educativas promovidas pelo MhAB têm por base as potencialidades educativas descritas nesse trabalho, que se definem basicamente como educar tanto pelo conhecimento, quanto por meio da sensibilização, visando contribuir no processo de desenvolvimento cultural dos indivíduos, através do Ensino/Aprendizagem em Arte, quanto pela percepção do espaço museal e de seu acervo.

Ao possibilitar ao público as experiências de visitas em museus, abre-se espaço a uma formação mais crítica e participativa da sociedade, visto que é especialmente por meio da desse contato que o público se envolve nos processos de ensino-aprendizagem nos museus.

É possível perceber que há uma estrita relação entre as praticas educativas do MhAB e a abordagem triangular apresentadas nesse trabalho, a medida que essas ações apresentam aos visitantes a possibilidade de experimentação do espaço e do acervo, e ao permitirem que os sujeitos expressem suas significações pessoais por meio da leitura dos objetos e da contextualização histórica e cultural da cidade de Belo Horizonte.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLAGE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblage>>. Acesso em: 10 de Jun. 2020.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (Org.). **Arte/Educação contemporânea: Consonâncias Internacionais**. 3. ed São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7. ed São Paulo: Cortez, 2012.

CANDIDO, Maria Inez. *MHAB: 60 anos de história*. In: **MHAB: 60 anos de história: caderno 2**. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal, Museu Histórico Abílio Barreto, 2003.

Housen, Abigail. In: **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HERMETO, Miriam, OLIVEIRA, Gabriela Dias de. *Ação educativa em museus: produção de conhecimento e formação para a cidadania*. In: **Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual**. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

ICOM-BR - Comitê Brasileiro do ICOM. Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <<http://icombr.monocromo.com.br/>> Acesso em 12/05/2020.

Instituto Brasileiro de Museus. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

JULIÃO, Leticia. *Apontamentos sobre a História do Museu*. In: **Caderno de diretrizes museológicas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, 2006.

MARANDINO, Martha (org). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: Geenf / FEUSP, 2008.

Museu Histórico Abílio Barreto – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Belo Horizonte, Brasil. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/museus/mhab>. Acesso em 12/05/2020.

NETO, Francisco José da Silveira Lobo. **A Pedagogia Tradicional: Marcos de Sua Manifestação e Consolidação**. Disponível em <http://www.floboneto.pro.br/>. 2010. Acesso em: 12/08/2020.

PEREIRA, Junia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro.; COSTA, Carina Martins.; NASCIMENTO, Silvania Sousa do. **Escola e museu: diálogos e práticas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais / Superintendência de Museus: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/ CEFOR, 2007.

PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. **Reinventando o MHAB: o Museu e seu novo lugar na cidade, 1993-2003**. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004

RIZZI, M. C. de S. **Caminhos metodológicos**. In: BARBOSA. A. M. (Org.) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2012.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte:** um paralelo entre arte e ciência. Campinas, SP: Autores Associados, 199 ZAMBONI, Silvio.